

A SUBJETIVAÇÃO
DO SUJEITO MULHER,
DO SUJEITO NEGRO,
DO SUJEITO INDÍGENA
NA SOCIEDADE
CONTEMPORÂNEA

SOB AS LENTES DISCURSIVAS

Sílvia Mara de Melo
Pedro Navarro
Elizete de Souza Bernardes
(organizadores)

A SUBJETIVAÇÃO
DO SUJEITO MULHER,
DO SUJEITO NEGRO,
DO SUJEITO INDÍGENA
NA SOCIEDADE
CONTEMPORÂNEA
SOB AS LENTES DISCURSIVAS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

A Subjetivação do sujeito mulher, do sujeito negro, do sujeito indígena na sociedade contemporânea : sob as lentes discursivas / Sílvia Mara de Melo, Pedro Navarro, Elizete de Souza Bernardes (organizadores). – 1. ed. – Campinas, SP : Mercado de Letras, 2021.

Bibliografia

ISBN 978-65-86089-38-7

Diversidade cultural 2. Gênero e sexualidade 3. Indígenas - Direitos fundamentais 4. Mulheres 5. Negros - Brasil I. Melo, Sílvia Mara de. II. Navarro, Pedro. III. Bernardes, Elizete de Souza.

21-54061

CDD-306.446

Índices para catálogo sistemático:

1. Diversidade cultural : Sociologia 306.446

capa e gerência editorial: Vande Rotta Gomide
preparação dos originais: Editora Mercado de Letras
revisão final: dos autores
bibliotecária: Maria Alice Ferreira – CRB-8/7964

ESTA OBRA CONTA COM O APOIO DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS
E DA CAPES PARA A SUA PUBLICAÇÃO

DIREITOS RESERVADOS PARA A LÍNGUA PORTUGUESA:

© MERCADO DE LETRAS®

VR GOMIDE ME

Rua João da Cruz e Souza, 53

Telefax: (19) 3241-7514 – CEP 13070-116

Campinas SP Brasil

www.mercado-de-lettras.com.br

livros@mercado-de-lettras.com.br

1ª edição

2 0 2 1

IMPRESSÃO DIGITAL

IMPRESSO NO BRASIL

Esta obra está protegida pela Lei 9610/98.
É proibida sua reprodução parcial ou total
sem a autorização prévia do Editor. O infrator
estará sujeito às penalidades previstas na Lei.

*Agradecemos a Universidade Federal da Grande Dourados –
UFGD, que, através do edital 01/2020/Proap
Capes/PPG Letras financiou esta obra.*

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	9
<i>Pedro Navarro</i>	
SEXUALIDADE, SUBJETIVIDADE E VERDADE: EFEITOS DE EVIDÊNCIA SOBRE A DOCILIZAÇÃO E A VIRILIZAÇÃO DA MULHER EM DISCURSOS MIDIÁTICOS	15
<i>Andréa Zíngara Miranda e Pedro Navarro</i>	
“O ABUSO DO DIA”: <i>PARRESIA</i> , PODER E RESISTÊNCIA DAS VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA SEXUAL	45
<i>Luciana Fernandes Nery e Maria Regina Baracuhy Leite</i>	
O IMAGINÁRIO DE FEMININO NO DISCURSO RELIGIOSO-HUMORÍSTICO DO PASTOR CLÁUDIO DUARTE	69
<i>Virginia Jacinto Lima e Sílvia Mara de Melo</i>	
LÓRI E A ELABORAÇÃO DE SI: O VIVER FEMININO, OS LIMITES E AS ULTRAPASSAGENS	97
<i>Pedro de Souza e Tatianne de Faria Vieira</i>	
UM SORRISO NEGRO TRAZ FELICIDADE OU OUTRIDADE? ALGUNS SENTIDOS DO DEVIR-NEGRO	125
<i>Elizete de Souza Bernardes e Guilherme Tommaselli</i>	
A RETRATAÇÃO E O DISCURSO RACISTA	151
<i>Alexandra A. de Araújo Figueiredo e Marcos L. S. Góis</i>	

DISCURSO FUNDADOR: SILENCIAMENTOS ÉTNICO-RACIAIS, RACHADURAS DA HISTÓRIA	179
<i>Mirielly Ferreira</i>	
MULHERES NEGRAS SOB O PODER PUNITIVO NA CIDADE DE DOURADOS, MS.	205
<i>Gustavo de Souza Preussler e Luzia Bernardes da Silva</i>	
DIZERES DE ALUNOS INDÍGENAS DA ESCOLA KOINUKONOEN: INTEGRAÇÃO SOCIAL E AUTENTICIDADE NACIONAL	237
<i>Selma Marques da S. Fávoro, Claudete Cameschi de Souza e Celina A. Garcia Souza Nascimento</i>	
O IMAGINÁRIO SOBRE POVOS INDÍGENAS NA MATERIALIDADE DE LIVROS DIDÁTICOS	259
<i>Águeda A. da Cruz Borges e Gisele N. de Oliveira Silva</i>	
SOBRE OS AUTORES.	291

APRESENTAÇÃO

Esta organização de artigos reunidos sob o título *A subjetivação do sujeito mulher, do sujeito negro, do sujeito indígena na sociedade contemporânea: sob as lentes discursivas*, que a Editora Mercado de Letras disponibiliza à comunidade acadêmica e aos leitores em geral que se interessam pelas três grandes temáticas abordadas, traz abordagens de cunho teórico e metodológico que se encontram atualmente no centro de calorosas discussões sobre o que a nossa sociedade está fazendo de si mesma, num contexto fortemente atravessado pelo dispositivo da racionalidade neoliberal, que afeta, como bem pontuou Foucault (2008), todas as esferas sociais.

Nessa mesma direção, Brown (2019) analisa que essa racionalidade responde por novas formas de subordinação de gênero, o que, a nosso ver, podem acentuar, ainda mais, as desigualdades e as violências, em um mundo em que para se ter e se manter o almejado “capital humano” necessário se faz acirrar a competição, ao mesmo tempo em que sujeitos que assim não conseguem se manter ou, em certa medida, desestabilizam essa ordem, são vistos como entraves às iniciativas individuais e ao empreendedorismo centrados na lógica segundo a qual cada um que lute por seu lugar ao sol.

Mesmo que os autores dos artigos não tenham se voltado, em especial, para a problematização desse dispositivo neoliberal em

suas análises, não é demasiado afirmar que os sujeitos produzidos nos discursos sob investigação deixam-se conduzir por essa forma de governamentalidade, que tanto controla e dociliza o corpo feminino quanto espalha seu poder sobre as populações, no caso em tela negras e indígenas.

Esse é o fio condutor que alinhava cada um dos textos que compõem o referido livro; assim, somos convidados a acompanhar e, se necessário, como leitores, refazer os itinerários teóricos e a ligar os fios que singularizam as práticas discursivas que tomam a mulher, o negro e o indígena como corpos objetivados por poderes que os sujeitam e os impedem de exercer, mesmo em um espaço tão fortemente regado e controlado, práticas locais, cotidianas, ínfimas que sejam de liberdade.

Abrindo estas reflexões com o sujeito mulher, Andréa Zíngara Miranda e Pedro Navarro, em “Sexualidade, subjetividade e verdade: efeitos de evidência sobre a docilização e a virilização da mulher em discursos midiáticos”, realizam uma discussão sobre a tríade sexualidade-subjetividade-verdade relacionada aos discursos midiáticos que fabricam a mulher ora como vencedora daquilo que se convencionou nomear “guerra dos sexos”, ora como o sexo frágil, ainda vítima de uma autonomização das mulheres ao modo do sujeito produzido pelo neoliberalismo. A leitura de discursos postos em circulação por meios de comunicação entre os anos de 2012 e 2015 permite, aos autores, vislumbrar uma incessante busca pela igualdade entre os sexos, a ponto de se travar, discursivamente, uma “guerra” entre o homem e a mulher, desconsiderando, para tanto, as relações de poder e de resistência que lhes são constituintes.

Em “‘O abuso do dia’: parresia, poder e resistência das vítimas de violência sexual”, Luciana Fernandes Nery e Maria Regina Baracruhy Leite discutem como o discurso da vítima de abuso sexual dialoga com outros discursos. Interrogam a violência sexual que incide sobre o corpo e como os sujeitos, através do dizer parresiástico, se subjetivam. Para a análise dos dados, as autoras pautam-se nos estudos discursivos foucaultianos, sobretudo nas

concepções de *parresia*, prática de confissão e modos de subjetivação. A partir dessa perspectiva, constatam que as denúncias dos crimes de violência sexual representam um ato de resistência, no qual os sujeitos de subjetivam e modificam as suas relações com o outro.

Outros dois artigos voltam-se também à problematização do sujeito mulher, tal como ela é posicionada no discurso religioso de cunho humorístico e na literatura de Clarice Lispector.

O texto de Virginia Jacinto Lima em coautoria com Sílvia Mara de Melo, intitulado “O imaginário de feminino no discurso religioso-humorístico do pastor Cláudio Duarte”, destina-se compreender como, no processo discursivo religioso-humorístico-midiático, a imagem feminina é constituída e seu “papel” determinado. Embora a proposta de uma pregação cômica se apresente como um discurso moderno para o público evangélico, os enunciados analisados são conservadores. Para Lima e Melo, estamos diante de um discurso que reproduz o sistema patriarcal, construindo uma imagem, na maioria das vezes, negativa sobre as mulheres, instituindo que sua função é sempre a reprodutiva e a doméstica.

“Lóri e a elaboração de si: o viver feminino, os limites e as ultrapassagens” é o título que Pedro de Souza e Tatianne de Faria Vieira dão às suas análises sobre a elaboração do sujeito para o prazer, pelas linhas de Clarice Lispector. Os autores mostram que se trata de uma elaboração dolorosa, de uma aprendizagem que exige lutas e rupturas, especialmente dentro de si. Para tanto, realizam o que chamam de “um mergulho um pouco mais profundo” nesse sujeito que é a personagem Lóri, de Uma Aprendizagem ou O Livro dos Prazeres, em seu processo de (re)laboração de si e de travessia de si mesma, rompendo e transgredindo limites para encontrar-se outra.

Na tentativa de estabelecer as filiações temáticas entre os artigos desta obra, vamos nos deparar com discussões teóricas e de cunho analíticas que se voltam ora para os sujeitos negros ora para aqueles que sofrem um processo de apagamento histórico,

justamente pela sua negritude, por serem caboclos ou indígenas, dos discursos que instituem os sentidos de origem a dada coletividade.

Elizete de Souza Bernardes e Guilherme Tommaselli, em “Um sorriso negro traz felicidade ou outridade? alguns sentidos do devir-negro”, apoiados na Análise de discurso e na Semiologia Histórica, analisam como o *sorriso do negro* se atualiza em *sorriso negro* em três materialidades distintas. Para tanto, consideram como aporte teórico duas noções fundamentais: a Outridade (bell hooks 2019) e o *devir-negro*, cunhado por Achille Mbembe (2018). A metodologia segue um fio arqueológico, visto considerarem que os enunciados emergem em certas temporalidades, porque obedecem a condições históricas. O artigo visa contribuir com os estudos das línguas(gens) a respeito do corpo negro, assim como significar o sorriso e o sujeito negro como modos de reexistências.

“A retratação e o discurso racista”, de Alexandra Aparecida de Araújo Figueiredo e Marcos L. S. Góis, problematiza a fala pública na Internet. Precisamente, discute efeitos produzidos numa *live* em que a questão étnica é o ponto de partida para se compreender o discurso de ódio em sociedades contemporâneas. Nessa direção, o interesse é por um fenômeno linguístico-discursivo específico: a retratação, mecanismo cada vez mais comum em tempos de comunicação célere.

Por seu turno, Mirielly Ferraça, em “Discurso fundador: silenciamentos étnico-raciais, rachaduras da história”, assume a tarefa de compreender o *discurso fundador* que se projeta na história para a cidade litorânea de Matinhos-PR, enaltecendo como início originário a colonização portuguesa e a imigração europeia, no apagamento de outras narrativas, num silenciamento étnico-racial. O *corpus* analítico é composto por notícias e divulgações publicadas em *sites* oficiais dos Governos Municipal, Estadual e Federal, em *sites* pertencentes à esfera midiática e em *sites* de turismo.

“Mulheres negras sob o poder punitivo na cidade de Dourados-MS”, de autoria de Gustavo de Souza Preussler e Luzia Bernardes da Silva, tem por objetivo realizar um estudo sobre o

aprisionamento feminino na cidade de Dourados localizada no estado do Mato Grosso do Sul, dando primazia às mulheres negras, por serem elas que possuem maior representatividade dentro do sistema prisional desta cidade. O aspecto jurídico compõe parte do *corpus* discursivo, momento em que Preussler e Silva mostram que a Lei nº 11.313/06, além de causar a elevação da população carcerária, ao optar por um viés repressivo ao tráfico de drogas, tem atuado no sentido de legitimar o uso seletivo do direito penal. Embora esse comando normativo goze da aparência de neutralidade racial, os autores verificam que a mulher encarcerada, como regra, é do extrato social vulnerável. Diante desses aspectos, o trabalho traça um perfil da mulher em situação de cárcere, bem como evidencia que as estruturas criminológicas são marcadas pelo racismo.

O livro encerra-se com duas importantes discussões que tomam como objeto de discurso o sujeito indígena na formação discursiva educacional.

“Dizeres de alunos indígenas da Escola Koinukoen: integração social e autenticidade nacional”, de autoria de Selma Marques da Silva Fávaro, Claudete Cameschi de Souza e Celina Aparecida Garcia Souza Nascimento investiga a construção da identidade do indígena a partir da representação de língua portuguesa em textos escritos por alunos da escola Koinukoen (aldeia São João). Para isso, fundamentam suas análises na Análise de Discurso de Linha Francesa, valendo-se do método arqueogenealógico, de Michel Foucault. As análises mostram que falar português significa a possibilidade de (novas) identificações.

Águeda Aparecida da Cruz Borges e Gisele Naiara de Oliveira Silva dão ao seu texto o título “O imaginário sobre povos indígenas na materialidade de livros didáticos” para assim promover uma reflexão sobre como o imaginário acerca dos povos indígenas é construído em livros didáticos (LD) de História. Realizam uma pesquisa discursivo-analítica de materiais recortados de dois livros da Educação Básica, a qual foi desenvolvida, conforme exigência teórica, desde a construção do *corpus*. As autoras confirmam a

hipótese de que, nesses livros, a cultura indígena é focada no período colonial, apagando a vida dos povos originários na contemporaneidade.

Findo este percurso, avaliamos que os autores que aqui se debruçaram sobre tais corpora discursivos, em estreita relação com as subjetividades femininas, negras e indígenas, mais que encerrar, abriram discussões sobre como nossa sociedade atual, por meio dos discursos que produz, está sob a égide de poderes e saberes que podem tanto deixar morrer quanto promover uma liberação dos sujeitos cujas histórias poderiam bem passar despercebidas, não fosse o encontro com a pesquisa, que se faz movida pelas resistências.

Pedro Navarro

Referências

- FOUCAULT, Michel (2008). *Nascimento da biopolítica: curso dado no Collège de France (1978-1979)*. São Paulo: Martins Fontes.
- BROWN, Wendy (2019). *Nas ruínas do neoliberalismo: a ascensão da política antidemocrática no ocidente*. São Paulo: Editora Filosófica Politeia.